



BoLETiM DO DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO DA A. A. C.



**MARÇO
N.1**

DOCUMENTOS
RECURSO
EXISTE LEY. LOS DE 13, 14, fuerza
A EDUCACIÓN ES AHORA UN PROBLEMA
DAMENTAL, UN PROBLEMA
CON LA EDUCACIÓN

OBLIGATORIO a cabo los acuerdos del
miento juvenil, sobre el sis-
GRADO, sobre las escuelas
de aprendi-
13, 14, fuerza

CONGRESO
realic-
estudios
nás calificado,
ta incluso en m-
podría

Y 16, SI QUIE-
ESTUDIAN.
12 AÑOS, NO
que crea el trabajo, much-
propia vida y
NINGUNA DE
EN SU HA-
TIVO DE LA REVOLUCIÓN
ORES DE LA REVOLUCIÓN
PRECISAMENTE QUE LAS
ACIA LAS ETAPAS QUE LAS
cer con los q
están en tercero
fórmula será cuando
es, establecer escuelas,
primaria que tengan tr
edad".



TRABALHADORES- -ESTUDANTES: RUMO A UM ENSINO NOVO!

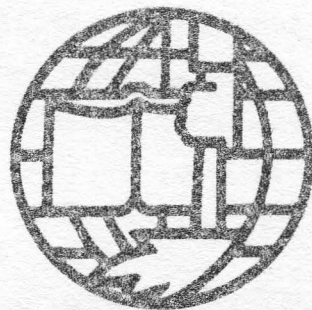
A situação pedagógica nas escolas é complexa. Grandes e profundas tarefas se colocam, depois do derrube da ditadura fascista, no campo do ensino. Tenhamos, portanto, a perspectiva de que só grandes alterações estruturais conseguirão responder, em íntima ligação com os avanços e recuos ⁽¹⁾

Promovido pelo MJT e Intersindical, realizou-se há algumas semanas em Lisboa o I Encontro Nacional de Trabalhadores-Estudantes. O número de teses (157) previamente debatidas em muitas escolas do país, bem como o número de delegados de trabalhadores-estudantes presentes (mais de mil) ⁽²⁾

A LUTA DOS ESTUDANTES PELA PARTICIPAÇÃO NA GESTÃO UNIVERSITÁRIA

"Nos últimos anos, a luta dos estudantes e das suas organizações pela participação na gestão universitária jogou um papel essencial. Nos países capitalistas, em geral, o direito dos estudantes à participação na tomada de decisões é relativamente limitado ou completamente inexistente. Sempre que os estudantes resistem à sua incorporação no sistema de educação e planificação capitalista são objecto de sanções disciplinares. As uniões estudantis nos países capitalistas lutam por salvar e ampliar o direito de participação na gestão universitária e fim de defender os interesses dos estudantes no ensino".

(Informe do 11º Congresso da UIE)



(1) - Continua na pág. 7

(2) - Continua na pág. 4

OS ESTUDANTES E A LUTA CONTRA O ANALFABETISMO

[...] "a irradicação do analfabetismo é um pré-requisito indispensável para qualquer democratização verdadeira do ensino, sendo a luta contra o analfabetismo de maior importância, particularmente na Ásia, África e América Latina, como uma parte integrante da luta das massas estudantis e do povo, pela libertação nacional e a independência completa.

O exemplo dos países socialistas demonstra que se podem obter resultados massivos na eliminação do analfabetismo dentro de curtos períodos de tempo, através da mobilização das massas, se as campanhas para a sua irradicação estiverem intimamente ligadas à reforma das estruturas sociais e económicas da sociedade no seu conjunto.

As experiências do Vietnã e de Cuba são um testemunho convincente da luta contra o analfabetismo combinada com uma luta geral contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, bem como pela construção de uma nova sociedade".

(Informe do 11º Congresso da UIE, Budapeste, Hungria, 7 a 14 de Maio de 1974).

AS CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO

As Campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária, levadas a cabo no Verão passado, foram uma grande manifestação da capacidade de contribuição dos estudantes portugueses na resolução de alguns dos mais graves problemas que afectam o Povo Português.

Cedo compreenderam os estudantes o cunho vincadamente político da sua participação nas campanhas. Sendo o analfabetismo uma das manifestações epidémicas do obscurantismo político-cultural, e sendo este por sua vez uma das armas preferidas do caciquismo e das forças mais reacionárias, a luta contra o analfabetismo salda-se numa grande contribuição ao avanço do processo democrático. Salda-se também num grande esforço de aproximação das massas estudantis em relação ao Povo Trabalhador, com todas as consequências implícitas para o avanço da democratização das escolas.

Importa definitivamente não deixar morrer esta iniciativa ! É pos (4)

AS CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO

Continuação da página 2 (4)

sível, através das Associações de Estudantes, dinamizar campanhas de âmbito regional bem como promover iniciativas de âmbito mais alargado (em tempo de férias). É com esta finalidade que funciona em Coimbra uma Secção de Alfabetização e Educação Sanitária (Rua da Ilha, n.º 20), a qual pele a participação de todos os estudantes interessados.



AS CAMPANHAS EM COIMBRA

A Campanha lançada no Concelho de Coimbra pela Secção de Alfabetização começa a dar os seus frutos. Assim, depois de um curso destinado à familiarização dos alfabetizadores com a teoria e prática do Método de Paulo Freire e de outro curso de introdução aos problemas sanitários, avançou-se na última sexta-feira (dia 28 de Fevereiro) para três aldeias das fregue-

sias de Ceira e Torres do Mondego, onde já se constituíram três brigadas de alfabetização.

Estavam ainda programadas no último fim de semana (dia 8 de Março) sessões de iniciação musical para as crianças das referidas aldeias bem como pôr em acção brigadas de trabalho que, conjuntamente com brigadas da população já em actividade, (5)

Continuação da página 3(5)

deitariam mãos à obra em diversas melhoramentos locais (levantamento de barreiras, construção de muralha de protecção ao rio, arranjo interior da sede de uma Junta de Freguesia).

Outras iniciativas encontram-se já em execução. Vamos, pois, todos ao trabalho ! Inscrevamo-nos já no próximo fim de semana na Secção de Alfabetização !

MEDICINA: LIGAR O ENSINO À VIDA E À PALAVRA DE ORDEM

Também um grupo de estudantes do 5º Ano de Medicina se encontra neste momento empenhado numa série de campanhas viradas para as populações locais. Assim, e durante dursas semanas, já realizaram um rastreio cardio-vascular e oftalmológico bem como um exame parasitológico de fezes de crianças (resultados positivos em 100% das observações, dada a ausência de quaisquer condições médico-sanitárias). Tal iniciativa só poderá vingar com o apoio decidido de muitos estudantes de Medicina e das estruturas médico-sanitárias locais.

AQUI FICA O APELO !

TRABALHADORES - ESTUDANTES

Continuação da página 1

demonstram inequivocamente a amplitude do Encontro.

Decorridos 10 meses desde 25 de Abril, a questão do acesso ao ensino — ponto chave da viabilidade da sua democratização — mantém-se inalterada. Democratizar o ensino hoje passa pela criação de condições de acesso ao ensino dos filhos dos trabalhadores e pelo apoio efectivo àquele que simultaneamente estuda e trabalha. Devido à sua dupla condição — "dupla" no sentido clássico, em que escola e vida são realidades distintas — os trabalhadores-estudantes sofrem particularmente as adversidades das profundas deficiências do acesso, estrutura e conteúdo do ensino. Daí a necessidade da sua organização, daí a prova de vitalidade que foi o Encontro. Discutindo os 7 temas programados (via escolar única, acesso dos trabalhadores-estudantes aos vários graus do ensino, métodos pedagógicos, ensino profissional, o trabalhador-estudante e a sua organização nas escolas, o ensino particular nocturno, o trabalhador-estudante na empresa), os trabalhadores-estudantes elaboraram conclusões que ⁽⁶⁾

Continua na pág. 5



constituem verdadeiros guias para a acção.

Daremos no próximo número do Boletim uma perspectiva dos principais resultados do Encontro. Além do mais o Departamento Pedagógico está plenamente disposto a apoiar por todos os meios ao seu alcance as estruturas de trabalhadores-estudantes que queiram

constituir-se no âmbito da A.A.C., com vista à dinamização das suas formas organizativas, à luta pela execução das conclusões de aplicação imediata e à divulgação dos materiais do Encontro.

AVANTE

COM A GESTÃO DEMOCRÁTICA DAS ESCOLAS

Durante largas semanas as atenções gerais da Academia convergiram para o Decreto de Gestão dos Estabelecimentos do Ensino Superior emanado do MEC: a problemática da gestão, modos de eleição, eleições...

Definir uma atitude face ao modo de gestão, adaptá-lo à realidade da escola e proceder a eleições o mais brevemente possível foram atitudes políticas centrais.

Realizar eleições a curto prazo, significava compreender o grau de deterioração a que a situação de algumas Comissões de Gestão tinha ascendido (casos de Ciências e Tecnologia, Direito e Medicina) e as respectivas consequências na normalização da vida da escola. Enjeitar a realização de eleições a curto prazo, pela utilização de processos de discussão altamente burocráticos e desmobilizadores, significava ao invés jogar abertamente na deterioração do clima das escolas e na sua paralização. Quem estaria interessado em tal? Porventura os estudantes?

E quem lucrava com os 9 plenários

de Ciências e Tecnologia que, em fiada contínua, afastou a população da escola da discussão, desprestigiando o Plenário como órgão de decisão colectiva? Quem lucrava com a discussão infinitamente tediosa e burocrática que levou à construção, artigo a artigo, de "um novo Decreto"? Passará porventura por aí o eixo da luta dos estudantes pelo controle democrático das escolas? Ou passará aquele, pelo contrário, pela detecção dos pontos mais contestados (como o direito de veto, composição do Conselho de Gestão, atribuições dos órgãos de gestão), sua superação na prática e incorporação sob nova forma no regulamento interno da escola?

O Decreto de Gestão dos Estabelecimentos do Ensino Superior, contendo os pontos essenciais das aspirações estudantis já postos em prática depois do 25 de Abril — como a participação de todos os sectores da escola na gestão e a consideração da Assembleia da Escola como órgão máximo decisório —, foi aceite na generalidade pela maioria das escolas do País. Na nossa Aca (7)

Continuação da página 6 (7)

demia existem Conselhos de Gestão há algum tempo nas Faculdades de Farmácia e Economia, tendo havido eleições recentemente nas Fac. de Ciências e Tecnologia, Letras e Medicina. Confiamos em que todas estas experiências de gestão resultará um enriquecimento profundo do actual modelo de gestão democrática.

EDITORIAL

Continuação da página 1 (1)

que a nível mais geral se processem na sociedade portuguesa, aos grandes problemas do ensino.

Contudo, seria a partida extremamente vantajoso pôr em prática de modo eficiente os planos de reestruturação pedagógica aprovados na maioria das escolas e cursos. A reestruturação pedagógica não esgota a luta pela democratização do ensino. Ela permite contudo, não só começar a apontar grossamente para as linhas nucleares do ensino novo, como aglutinar os estudantes na discussão crítica dos problemas fundamentais da escola.

Não sejamos, contudo, demasiado

confiantes. Nalgumas escolas o ensino deteriora-se progressivamente. Tentar pôr em prática experiências inovadoras significa também, por vezes, reconhecer a sua inexequibilidade prática. Desvios facilitistas, eminentemente oportunistas, comprometem frequentemente as experiências pedagógicas. Exemplo importante neste domínio é o da avaliação de conhecimentos. Importante também tem sido a actuação de sabotagem de certos sectores de docentes ao avanço nas escolas, quer tentando dar continuidade aos métodos antidemocráticos tradicionais e resistindo às acções de saneamento, quer acarinhando as manifestações de facilitismo com a intenção clara de acentuar a deterioração da vida escolar.

Existem poucas perspectivas, organizativas e de conteúdo quanto às vias práticas da democratização do ensino. É manifesta a descoordenação das iniciativas pedagógicas na Academia. É também manifesta a falta de informação de uma vasta gama de experiências no campo do ensino, a nível local, nacional e internacional. Além do mais a desmobilização estudantil e a carência da sua organização sindical é um profundo entrave à intervenção organizada dos estudantes na transformação do ensino.

Foi no sentido de dar o pri (8)

Continuação da página 7 (3)

meiro passo no abandono deste impasse que a D.G. da AAC resolveu criar o Departamento Pedagógico da AAC e com ele o seu Bolstím. Não se pretende, com estas iniciativas, criar na AAC um laboratório do ensino e das questões pedagógicas, não se pretende também a duplicação das estruturas que, como as Comissões Pedagógicas, actuam — em melhores ou piores condições — nas Faculdades. Pretende-se, sim, criar um instrumento de coordenação, de dinamização da transformação do ensino nas escolas, em colaboração com as estruturas já existentes e aberto a todos os estudantes interessados.

O Departamento Pedagógico e o seu Boletim são teus ! Colabora nelas ! Em breve obterás informações sobre o modo de funcionamento do DP. da AAC. Colabora connosco com as tuas críticas, os teus artigos, as tuas propostas, a tua participação pessoal !

COLABORA

ENSINO E SELECÇÃO DE CLASSE

Em Portugal uma das consequências mais funestas da política fascista do ensino — a profunda *selecção de classe* em todos os seus graus — materializa-se no seguinte dado, ao bejamente conhecido por todos os estudantes: menos de 5% dos estudantes universitários provêm da classe trabalhadora !

A tendência em todos os países capitalistas é a do incremento global do número de estudantes; contudo, somente uma reduzida percentagem de estudantes provêm da classe operária ou de famílias camponesas.

Altamente revelador a este respeito é o Estudo do Conselho Europeu de Cooperação Cultural, que assinala a seguinte percentagem de estudantes provenientes de famílias da classe operária nas universidades de vários países capitalistas da Europa (nos anos 72/73): Áustria 5%, Bélgica 11%, Dinamarca 10%, RFA 8,5%, França 6,2%, Grécia 7,2%, Irlanda 7,5%, Holanda 6%, Noruega 7% e Suíça 3,7% (9).

Continuação da página 8 (9)

A selecção social dá-se em todos os graus do sistema educacional. Os principais responsáveis desta selecção são a insuficiência de recursos materiais das famílias da classe operária e a inadequação da assistência estatal aos estudantes de famílias de operários ou empregados. Devido à forma como se organizam os exames intermédios e à inadequação dos cursos, multos estudantes são impedidos de finalizar os seus estudos (por ex., em França somente 28% dos estudantes terminam o 2º e 3º Ciclos).

Em todos os países capitalistas aqueles factores afectam, sobretudo, os estudantes que contam com meios escassos e que devem trabalhar durante os estudos afim de os poderem custear. Na RFA, por exemplo, 50% dos estudantes trabalham em paralelo com os seus estudos (em 1972 quase $2/3$ da população estudantil ver-se-ia obrigada a

trabalhar).

As transformações ocorridas em Portugal permitem a prática de experiências que aumenta a capacidade de acesso ao ensino dos filhos de trabalhadores. Tal só será conseguido através da ampla mobilização de estudantes, professores progressistas e forças democráticas actuentes nas escolas. Mobilização essencialmente virada para as grandes transformações estruturais (tal como a criação de uma via única, além da melhoria do apoio social aos estudantes e a promoção da ligação do ensino à vida e à prática). Compreende-se, nesta perspectiva, o elevado interesse de todas as iniciativas que, como a do Encontro Nacional de Trabalhadores - Estudantes, correspondem ao avanço organizado dos estudantes no sentido da transformação do ensino. Transformemos a AAC numa grande base de apoio de todas estas iniciativas !

